



Vol. 19, nº 2 (2020)

DOI: 10.30681/issn22379304v19n02/2020p150-160

**A MULHER DA/NA LITERATURA POPULAR NORDESTINA:
NOTAS SOBRE A MISOGINIA NA LITERATURA BRASILEIRA**

**WOMEN OF/IN THE LITERATURE OF NORTHEASTERN REGION
OF BRAZIL: NOTES ABOUT THE MISOGYNY IN BRAZILIAN
LITERATURE**

Roberto Remígio Florêncio¹
Carlos Alberto Batista dos Santos²

Recebimento do texto: 15/08/2020

Data de aceite: 14/09/2020

RESUMO: As narrativas dos cordéis abordam o cotidiano das pessoas somado à imaginação de seus contadores, assim, as situações reais e o imaginário são tecidos conjuntamente como resultado de experiências vividas ou inventadas. Em relação ao gênero dos narradores, os homens representam a maioria. Essa misoginia pode representar (re)construções sociais dignas de aprofundadas análises socioculturais. Propomos aqui a definição de gênero como elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos como modo primordial de significação das relações de poder. Como instrumento de afirmação da identidade nacional, a literatura brasileira ainda é espaço de disputa no mapeamento social, onde se estabelece hierarquias que definem quem escreve literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Preconceito; Cultura Literária; Literatura de Cordel.

ABSTRACT: The cordel narratives address the daily lives of people added to the imagination of their accountants, thus the real situations and the imaginary are woven together as a result of lived or invented experiences. Regarding the gender of the narrators, men represent the majority. This misogyny can represent social (re) constructions worthy of in-depth socio-cultural analyzes. We propose here the definition of gender as a constitutive element of social relations based on the perceived differences between the sexes as a primary means of signifying power relations. As an instrument for affirming national identity, Brazilian literature is still a space of dispute in social mapping, where hierarchies are established that define who writes literature.

KEYWORDS: Prejudice; Literary culture; Cordel Literature.

¹ Doutorando em Educação (UFBA); Mestre em Educação e Cultura (UNEB); Licenciado em Letras (UPE) e em Pedagogia (UNEB). e-mail: betoremigio@yahoo.com.br

² Doutor em Etnobiologia (UFRPE); Professor-orientador Doutorado em Ecologia Humana (PPGEcoH/UNEB). e-mail: cacobatista@yahoo.com.br



INTRODUÇÃO

Pensar a produção literária brasileira, em todos os seus formatos, desde o processo de criação ao consumo, ainda é pensar deliberadamente em um público marcadamente masculino, embranquecido e tradicionalista. Segundo Dalcastagné (2012), a escrita e a leitura ainda são majoritariamente dos homens brancos no Brasil.

Estudos desenvolvidos pela pesquisadora desde 2005, publicados pela Universidade de Brasília (2012), mostram que, de todos os romances publicados pelas principais editoras brasileiras, em um período de 15 anos (de 1990 a 2004), 120 em 165 autores eram homens, ou seja, 72,7%; e, ainda: a percentagem de escritores negros e negras não chegava a 30%. Dalcastagné (2012) chama a atenção para o fato de que, em todos os principais prêmios literários brasileiros (Portugal Telecom, Jabuti, Machado de Assis, São Paulo de Literatura, Passo Fundo Zaffari & Bourbon), entre os anos de 2006 e 2011, foram premiados 29 autores homens e apenas uma mulher. Para Dalcastagné (2012), desde os tempos em que era entendida como instrumento de afirmação da identidade nacional, a Literatura Brasileira é um espaço em disputa e, na atualidade, essa luta está cada dia mais acirrada, com autores e críticos lutando por espaço, seja ele inscrito no mapa social, ou constituído numa narrativa, estabelecendo hierarquias que definem quem pode passar por esta rua, quem entra neste lugar ou naquele lugar, quem escreve literatura.

Mais, ainda: acreditamos que essa disputa, momentaneamente inglória da mulher, por seu espaço no panteão da LB, que se estabelece pelo histórico sexista da sociedade brasileira, é espaço privilegiado para as lutas contra diversos preconceitos, como o machismo, o racismo e a xenofobia, visto que a problemática é agravada quando se trata da literatura regionalista. Nos livros



de cordel, comercializados nas feiras das cidades nordestinas, é praticamente impossível encontrar escritos femininos.

A narrativa na literatura brasileira: o cordel

A Narrativa pode ser definida como uma sequência de acontecimentos interligados, que são transmitidos em uma estória, reunindo atores, aqueles que as narram e aqueles que as ouvem, leem ou assistem, sendo que quem narra, determina quando e como a informação será veiculada (PELLEGRINI, 2003).

...a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, nunca houve em lugar nenhum povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm as suas narrativas, muitas vezes essas narrativas são apreciadas em comum por homens de culturas diferentes, até mesmo opostas: a narrativa zomba da boa e da má literatura: internacional, trans-histórica, transcultural, a narrativa está sempre presente, como a vida (BARTHES, 1987, p. 103-104).

A literatura de cordel compreende narrativas que são elaboradas no cotidiano, a partir da experiência individual de cada contador em sua labuta diária, e revestidas de singularidade, que não estão limitadas apenas ao seu valor estético, mas em sua força representativa. O valor sociocultural que as revestem evidencia uma cultura característica do local do seu autor. Além dessa característica, essas narrativas revelam informações históricas, etnográficas, sociológicas, jurídicas e sociais, uma vez que se constituem em um documento vivo que representa costumes, ideias, mentalidades, decisões e julgamentos (CASCUDO, 1984).

O conhecimento da cultura local reforça a valorização e incentiva o desenvolvimento de uma região (LÓSSIO; PEREIRA, 2007), este aspecto



associado à mestiçagem étnica e o hibridismo cultural do Brasil são fontes geradoras de uma ampla gama de diversidades de saberes (CANCLINI, 2003). É nesse ambiente que floresce a Literatura de Cordel, nome utilizado em Portugal para designar folhetos volantes ou folhas soltas, em que eram pendurados por um cordão e expostos nas feiras do país (SANTOS; FLORÊNCIO, 2017).

Na literatura brasileira, o número de autoras é consideravelmente menor do que de autores (DALCASTAGNÈ, 2012). Essa diferença, também é notada na literatura de cordel, suscitando assim as discussões sobre as diferenças de gênero, aqui definida como uma categoria que indica por meio de desinências uma divisão dos nomes baseada em critérios tais como sexo e associações psicológicas. Dessa forma, neste estudo, propomos abordar as questões da diferença de gênero na autoria da literatura de cordel.

As questões de gênero e autoria na literatura brasileira

De acordo com Scott (1995), gênero é um elemento constitutivo das relações sociais construídas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e mais que isso, dá um novo significado às relações de poder, uma vez que, as mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações de poder.

Dizer que as diferenças de gênero são construções sociais não é nenhuma novidade. Há muito tempo o tema da “diferença sexual” é objeto de estudo das ciências sociais e da antropologia (ARAÚJO, 2003); para Holanda (2014), há gêneros masculino, feminino e neutro.

Ainda na concepção de Araújo (2003), o termo “gênero”, na sua acepção gramatical, designa indivíduos de sexos diferentes



(masculino/feminino) ou coisas sexuadas, mas na forma como vem sendo usado, nas últimas décadas, pela literatura, adquiriu outras características, uma vez que enfatiza a noção de cultura e está situado na esfera social, diferentemente do conceito de “sexo”, que se situa no plano biológico (LOURO, 1995). Outra forma de utilização do termo serve-nos para analisar a questão da igualdade e da diferença, uma vez que essa diferenciação sexual é histórica e está presente nos discursos filosóficos, religiosos, biológicos, científicos, psicológicos, antropológicos e sociais.

A relação entre homens e mulheres na sociedade quase sempre foi vista como uma verdadeira guerra dos sexos. Essas relações, muitas vezes, foram e são permeadas por desigualdades sociais, econômicas, civis, sexuais, dentre outras, posicionando a mulher, quase sempre, num lugar de inferioridade, negando-lhe direitos culturalmente assegurados ao homem e enclausurando a sociedade em visões machistas e patriarcais que serviram/servem de base para essas relações, de acordo com Bergamasco (2015), que também frisa que essas relações de poder entre os gêneros ainda são visíveis em algumas esferas da sociedade brasileira, a exemplo do fazer literário, que busca a igualdade de direitos e faz denúncia e questionamentos acerca da condição de inferioridade imposta ao sexo feminino.

Outro perigo das narrativas femininas na LB é, no intuito de referenciar-se como mulher, a autora adquirir o estigma de literatura panfletária, voltada apenas à temática do enfrentamento. E, mais uma vez, esse procedimento é fruto do histórico regime de repressão, da cultura do patriarcado e da manutenção dessas práticas pelas instituições que deveriam segurar o respeito e a mudança de comportamento, como o Estado e a Escola. Conceição Evaristo é um exemplo desse movimento na atualidade. As obras de Conceição Evaristo, em linhas gerais, versam sobre questões relativas à memória, escrita feminina,



resistência, o legado histórico e as influências do processo diaspórico na elaboração da identidade dos afrodescendentes, segundo Ribeiro (2010). No entanto, a escritora e poeta é reconhecida nacionalmente pela sua luta antissexista.

As precursoras

O caminho em busca de maior espaço no campo literário pelas mulheres é parte do esforço da luta feminista por voz (VASCONCELOS, 2014). Lajolo e Zilberman (1999) nos lembram do quanto era precária a educação das mulheres no Brasil ao longo dos séculos XVIII e XIX; entre os intelectuais, impedir a alfabetização das moças era uma forma de proibi-las de fazerem “mau” uso dessa arte; dessa forma, na sociedade da época, a grande maioria das mulheres não era alfabetizada e as que conseguiam aprender a ler possuíam acesso limitado a livros.

Se a informação era restrita, o espaço para publicações de textos de autoria feminina não existia (VASCONCELOS, 2014). Lentamente, esses espaços foram surgindo em jornais e revistas, ditos femininos por sua circulação e temas limitados (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999).

O nome que se destaca na militância em prol da educação para meninas e mulheres no século XIX é o de Nísia Floresta (VASCONCELOS, 2014). Considerada a primeira grande escritora brasileira, Nísia nasceu no Rio Grande do Norte e enveredou seus estudos na capital federal, Rio de Janeiro, onde foi professora e fundadora de colégios para meninas, que muito contribuíram para o avanço da educação feminina em nosso país.

Destacam-se também as escritoras Maria Firmina dos Reis (1825-1917), professora maranhense, filha bastarda, solteira, negra e pobre, que



publica em 1959 o romance *Úrsula*, considerado o primeiro romance abolicionista da nossa literatura (MUZART, 2003); a cearense Emília Freitas (1855-1908), professora e colaboradora do jornal republicano e abolicionista “O Libertador”, foi inovadora quando escreveu e publicou *A Rainha do Ignoto* (1899), romance que desafiou os padrões da época, ao criar uma narrativa de uma heroicidade feminina; e a fluminense Júlia Lopes (1862-1934), contemporânea de Machado de Assis, que, tendo sido reconhecida por seu talento literário por seus pares do sexo oposto, participou do grupo fundador da ABL na época Constância Duarte (2003).

A título de contextualização, é importante lembrar que, ao conquistar o direito ao voto (a partir de 1933), o direito de ter documentos próprios (considerando a Certidão de Nascimento como um documento familiar) e de candidatar-se a cargos eletivos, a mulher pôde mostrar que, recebendo oportunidades igualitárias, também poderia desenvolver-se ao nível do homem, ainda que, hoje, as candidatas e eleitas em cargos públicos do Brasil não cheguem a 15% do total. Talvez a literatura apresente atualmente números mais expressivos e animadores. Autoras contemporâneas importantes como Nélida Piñon, Marina Colasanti, Ana Maria Machado e Ana Miranda, mantêm a tênue impressão de que a narrativa feminina brasileira, herdada das cronistas Clarice Lispector, Zélia Gatai e Rachel de Queirós, tem produzidos bons frutos. E que, também, vem sendo construída uma base poética de relevado alcance, desde a poesia simbólica de Cecília Meireles e Cora Coralina à força dos versos de Adélia Prado, Hilda Hist, Alice Ruiz e Ana Cristina César. No entanto, é mais comum encontrar à margem da consagrada poesia brasileira, nomes como Francisca Júlia, Auta de Sousa e Narcisa Amália. Na narrativa, os nomes de Carolina Maria de Jesus, como precursora e inovadora, e Conceição Evaristo, na atualidade, ainda carecem de reconhecimento. Portanto, podemos dizer que,



entre tantas outras autoras esquecidas pelos livros didáticos, as escritoras cordelistas ainda se mantêm presentes na luta pela visibilidade literária, negada por uma questão de gênero.

Considerações finais

Definitivamente, a Literatura Brasileira não é igualitária entre homens e mulheres que escrevem, desde o primeiro deles nascido por essas terras (Gregório de Matos Guerra, 1636-1696). Nos séculos em que o Brasil viveu sob domínio Português (Período Colonial, de 1500-1822) e, posteriormente, um Império de monarquia também portuguesa (1822 – 1889), as mulheres sempre estiveram subjugadas: as negras, que viviam nas casas-grandes como amas de leite, cuidavam da casa, prestavam serviços, e muitas vezes ainda eram submetidas às condições de violência sexual; e as brancas, vistas apenas como a elegância da sociedade, eram as responsáveis por preservar os costumes europeus, sempre excluídas da educação e das organizações sociais (BASEGGIO; SILVA, 2015).

Nas fases mais importantes para a LB, tanto em relação ao início do rompimento com a cultura portuguesa (Romantismo 1854 a 1881), da progressão qualitativa da produção artística (Realismo 1881 a 1892) ou da grande quebra de paradigmas proposta pela Semana de Arte Moderna (Modernismo, 1922), a participação da mulher era incipiente. Na verdade, nenhuma mulher, poeta ou escritora, alcançou destaque maior entre os cânones da nossa literatura. Os livros didáticos e mesmo a História da Literatura Brasileira fizeram a mulher parecer não existir no cenário artístico brasileiro. Pode-se dizer que a aparição da mulher na LB coincide com a aparição da mulher no próprio circuito sociocultural. Fazendo-se anotar que a literatura,



enquanto arte nacional, não contribuiu para o aparecimento da mulher, mas, como também nos extratos sociais de poder, esteve o tempo todo ao lado do poder, de quem dispunha de direitos e privilégios. Principalmente em termos gráficos e de divulgação, ou seja, produção e consumo.

Percebe-se, portanto, a urgência na difusão da literatura escrita pelas mulheres brasileiras, aqui figuradas pelas cordelistas, não só pela representação que ela tem, mas também pela apropriação do lugar de fala que lhes pertence. Este alcance não pode ficar restrito a grupos específicos, em geral, formados por intelectuais e estudiosos dentro dos cursos de Letras, e, para isso, é necessário analisar também fatores técnicos como a dificuldade de publicação nas grandes editoras desse estilo literário, duplamente marginalizado. Ou seja, é preciso enfrentar o monopólio do falar/escrever majoritariamente masculino, mascarado pela posição de inferioridade imposto à mulher durante séculos. Mais que isso, é preciso descentralizar a ideia do cânone da LB, ainda situado junto às oligarquias econômicas, e isso pode ser possível a partir dos estudos das literaturas outras (populares, regionais, negras, femininas), retirando delas o peso da palavra *marginal*.

Referências

ARAÚJO, Maria de Fátima. **Diferença e igualdade nas relações de gênero:** revisitando o debate. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 41-52, 2003.

BARTHES, Roland. **A aventura semiológica**. São Paulo: Edições 70. 1987. 272p.

BERGAMASCO, Adrielle dos Santos. **A representação da mulher e da sua sexualidade na literatura de autoria feminina contemporânea**. In: IV



Vol. 19, nº 2 (2020)

Simpósio de Educação Sexual, Feminismo, identidades de gênero e políticas públicas, Universidade Estadual de Maringá, 2015.

BASEGGIO, J. K.; SILVA, L. F. M. **As condições femininas no Brasil colonial**. Revista Maiêutica, Indaial, 3 (1): 19-30, 2015.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. 416p.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. 3ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984. 480p.

DALCASTAGNE, Regina. **Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado**. São Paulo: Editora Horizonte, 2012. 208p.

LOURO, Guacira. **Gênero, História e Educação: construção e desconstrução**. *Educação e realidade*. v. 20, n. 2, p. 1-7, 1995.

LÓSSIO, Rúbia Aurenívea Ribeiro; PEREIRA, Cesar de Mendonça. **A importância da valorização da cultura popular para o desenvolvimento local**. In: *III Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*, Salvador: EDUFBA, 2007.

MUZART, Zahidé Lupinacci. **Feminismo e literatura ou quando a mulher começou a falar**. In: MOREIRA, Maria Eunice (org.). *História da Literatura, teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

MUZART, Zahidé Lupinacci. **Pedantes e bas-bleus: a história de uma pesquisa**. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). *Escritoras Brasileiras do século XIX*. Vol. 1, 2ª ed. Florianópolis: Mulheres, Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.



Vol. 19, nº 2 (2020)

PELLEGRINI, Tânia. **Narrativa verbal e narrativa visual: possíveis aproximações.** In: PELLEGRINI, Tânia *et al.* *Literatura, cinema e televisão.* São Paulo: Editora Senac, 2003.

RIBEIRO, P. **A poética de Conceição Evaristo como uma incursão pelos caminhos da história.** In: Simpósio Internacional de Literatura, Crítica, Cultura IV: Interdisciplinaridade, Juiz de Fora: Darandina, 2010.

SANTOS, Carlos Alberto Batista; FLORÊNCIO, Roberto Remígio; SILVA, Francineide Santana; SANTOS, Maria Aparecida Barboza dos. **Do mau agouro à arte: a coruja no imaginário popular.** Revista de Educação do Ideau, Montevideu: Faculdade Ideau, v. 10, n. 22, p. 1-14, 2015.

SANTOS, Carlos Alberto Batista; FLORÊNCIO, Roberto Remígio. **Relações zoomórficas no imaginário popular das narrativas na literatura de Cordel.** Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales, abril-junio 2017. En línea: <http://www.eumed.net/rev/cccss/2017/02/cordel.html>.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

VASCONCELOS Vania Maria Ferreira. **No colo das Iabás: raça e gênero em escritoras afro-brasileiras contemporâneas.** (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Literatura. Universidade de Brasília.